

## Clóvis Moura e o livro *Rebeliões da Senzala*: um breve panorama sobre o debate da resistência escrava

Gustavo Orsolon de Souza  
Graduado em História/UFRRJ  
gustavo.orsolon@bol.com.br

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de abordar as principais interpretações sobre as revoltas escravas ocorridas no século XIX, com a finalidade de verificar o desenvolvimento do debate sobre o tema e posicionar o leitor diante do livro *Rebeliões da Senzala* (1959) de Clóvis Moura, que teve sua obra marginalizada pela historiografia. O debate tem como ponto partida o trabalho de Nina Rodrigues de 1930, considerado por alguns estudiosos como o pioneiro no estudo das revoltas escravas, passando posteriormente para os trabalhos de pesquisadores que se destacaram na década de 40 como Arthur Ramos, Donald Pierson e Edison Carneiro, e finalizando com trabalhos mais recentes como de João José Reis, Flávio dos Santos Gomes e Stuart B. Schwartz, que analisam as décadas de 50 e 60.

**Palavras chave:** História, Clóvis Moura, Resistência Escrava

**Abstract:** This article aims to discuss the main interpretations of the slave revolts occurred in the nineteenth century, with the purpose of verifying the ongoing debate on the topic and place the reader before the book *Rebellions of Slaves* (1959) Clóvis Moura, who had his work marginalized by history. The debate has as starting point the work of Nina Rodrigues 1930, considered by some scholars as a pioneer in the study of slave revolts, rising subsequently to the work of researchers who have excelled in the 40's and Arthur Ramos, Edison Carneiro and Donald Pierson, and ending with more recent work as Joao Jose Reis, Flávio dos Santos Gomes and Stuart B. Schwartz, who analyze the 50 and 60.

**Keywords:** History, Clóvis Moura, Slave Resistance

Este artigo tem o objetivo de abordar as principais interpretações sobre as revoltas escravas ocorridas no século XIX, com a finalidade de verificar o desenvolvimento do debate sobre o tema e posicionar o leitor diante do livro *Rebeliões da Senzala* (1959) de Clóvis Moura. Faremos isso seguindo uma ordem cronológica, que vai de 1930 até 1959, data da publicação do livro. Mas é preciso deixar claro que não pretendo apresentar todas as publicações, somente aquelas que considero importantes para a construção desse artigo.<sup>1</sup>

Clóvis Moura nasceu em 1925 no Piauí em uma família simples. Somente em São Paulo, por volta dos vinte anos de idade, é que começou a se interessar por estudar os “negros” no Brasil, estudo este, que resultaria mais tarde em seu primeiro livro *Rebeliões da Senzala*.<sup>2</sup>

O pesquisador concluiu o curso de Ciências Sociais em 1953, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), se tornando um dos principais estudiosos da formação social brasileira, embora seu prestígio só tenha vindo alguns anos mais tarde.<sup>3</sup>

Então, em 1959, o livro *Rebeliões da Senzala* foi publicado pelas Edições Zumbi que, de acordo com o historiador Mário Maestri Filho, foi uma microeditora de São Paulo fundada por uma militante política comunista de nome Antonieta Dias de Moraes. Uma editora que publicava obras rejeitadas pela editora Vitória do Partido Comunista Brasileiro.<sup>4</sup>

O livro *Rebeliões da Senzala* está dividido em sete capítulos: Características Gerais; Participação do Escravo nos Movimentos Políticos; Quilombos e Guerrilhas; O Quilombo dos Palmares; A Bahia no Tempo das Revoltas; Insurreições e Tática de Luta dos Escravos. Mas, o capítulo “Insurreições” conta com sete subcapítulos, que apresentam os principais movimentos insurrecionais ocorridos na região da Bahia. Também faz parte do livro um apêndice onde o autor explicita para o leitor os documentos de arquivo utilizados para a construção do mesmo como, por exemplo, fragmentos de jornais de época.<sup>5</sup>

O primeiro capítulo do livro intitulado “Características Gerais” visa apresentar um pouco da história do Brasil: a chegada dos portugueses, a exploração de mão de obra indígena, o tráfico de escravos, as transformações ocorridas no século XIX e a exploração de mão de obra negra.

A partir do primeiro capítulo “Características Gerais”, os capítulos seguintes seguem uma investigação da participação dos negros em quilombos, em insurreições e em revoltas ocorridas pelo país também no século XIX. Em sua abordagem, Moura faz uso de fontes primárias e secundárias, num diálogo que permite observar a imagem do negro escravizado de uma outra maneira, nesse caso, atuante e participativo.

Embora produzindo nesse período, Clóvis Moura não era considerado pela elite intelectual um pesquisador importante. Essa elite era composta por aqueles que produziam dentro da academia, mais precisamente dentro da Universidade de São

<sup>1</sup>MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Edições Zumbi LTDA, 1959.

<sup>2</sup>MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*.

<sup>3</sup>Clóvis Moura é visto hoje como um grande pesquisador da questão negra, afirmação esta que pode ser comprovada pelos estudiosos que trabalham com o mesmo tema. Estes pesquisadores se posicionam não somente em relação ao livro *Rebeliões da Senzala*, mas em relação a toda obra de Clóvis Moura. Para a doutora em Ciências Sociais Érika Mesquita, Moura valorizou a participação do negro na sociedade, tornando-o um “porta-voz” dos negros na luta por sua cidadania. Cf: MESQUITA, Érika. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. Campinas – SP: UNICAMP 2002. p. 187. Já o Doutor em Ciências Sociais pela USP Kabengele Munanga, se impressiona com a complexa obra de Clóvis Moura, que segundo ele, trouxe o negro em todos os ângulos e, não como apenas um objeto a ser pesquisado por uma classe dominante. Cf: MUNANGA, Kabengele. Professor Clóvis Moura: autor de uma obra complexa e ininterrupta sobre a história e os problemas do negro brasileiro. In: *Clóvis Moura – Fragmentos de vida e obra*. CD ROM. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Para o jornalista José Carlos Ruy, Clóvis Moura teve o objetivo de investigar com o livro *Rebeliões da Senzala* o passado, para que dessa forma, pudesse compreender as lutas negras do presente. Ainda segundo o pesquisador, o livro é o primeiro estudo onde a história do negro passa a ser contada dentro da história do povo brasileiro. Cf: RUY, José Carlos. *Rebeliões da Senzala – lições de luta*. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003. p. 149.

<sup>4</sup>MAESTRI FILHO, Mário José. *Clóvis Moura: uma visão revolucionária precoce sobre o Brasil*. In: *Clóvis Moura – Fragmentos de vida e obra*. CD ROM. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 1

<sup>5</sup>MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*.

Paulo. Clóvis Moura estava fora de uma instituição acadêmica, fato este que, segundo João Baptista Borges Pereira, antropólogo e doutor em ciências humanas pela USP, dificultava muito a trajetória de um pesquisador.<sup>6</sup>

E o livro *Rebeliões da Senzala* vem justamente mostrar o escravo como um elemento atuante e participativo, que contribuiu para o desgaste do sistema escravista. Assim, como afirmou o historiador Manuel Correia de Andrade, o livro “desmistificou” a tradicional história de que o negro era “submisso” e “obediente”, em contraposição ao índio, que era “rebelde” e “insubmisso”.<sup>7</sup>

O intelectual que na década de 60 não foi valorizado e reconhecido, hoje é considerado um importante pesquisador da “questão negra” no Brasil, tendo sido posteriormente convidado pela Universidade de São Paulo (USP) para participar de algumas bancas como professor “notório saber” devido ao reconhecimento de sua vasta obra: *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* (1976), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *Raízes do Protesto Negro* (1983), *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994), *Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil* (2001) e entre outros.<sup>8</sup>

Seguindo a ordem cronológica adotada neste artigo, o primeiro livro publicado sobre o tema da resistência escrava é de Nina Rodrigues, “*Os Africanos no Brasil*” (1932).<sup>9</sup> Foi Nina Rodrigues, o pioneiro das questões afro-brasileiras e também das revoltas escravas, pelo menos é o que indica alguns estudiosos.<sup>10</sup>

Para o antropólogo Arthur Ramos, Nina Rodrigues foi o primeiro autor a escrever sobre negros na Bahia, fazendo as primeiras descrições do que mais tarde seria identificado como processo de “aculturação”.<sup>11</sup> Ramos ainda aponta que o maior mérito da Escola de Nina Rodrigues foi ter inaugurado os estudos sobre a herança africana no Brasil e também sobre suas modificações.<sup>12</sup> Para o historiador Flávio Gomes, as primeiras abordagens sobre os temas afro-brasileiros surgiram a partir dos anos de 1930, sendo um desdobramento da Escola de Nina Rodrigues.<sup>13</sup>

Nina Rodrigues foi um médico, mas o interesse que tinha em relação aos temas afro-brasileiros fez com que buscasse estudar os negros no Brasil. Em sua interpretação, Rodrigues faz um mapeamento das procedências africanas dos negros brasileiros, assim como das sobrevivências de determinados costumes, dentre estes, da língua e da arte. Mas o que chamou mais atenção em seu trabalho foi sua dedicação a um dos mais importantes focos de resistência escrava no Brasil, que foi o Quilombo dos Palmares.

O pesquisador observou a estrutura formada pelos negros refugiados, utilizando, para isso, uma proposta de Rocha Pitta em “*História da América Portuguesa*” (1930), que compara o quilombo dos

Palmares a uma “República”. Além disso, Nina Rodrigues evidencia a força desse quilombo, que dificultou muito a ação repressiva das autoridades da época, sendo, portanto, uma preocupação constante para a sociedade.<sup>14</sup>

Para Pedro Paulo Funari e Aline Vieira de Carvalho, em obra mais recente, Nina Rodrigues utilizou o método comparativo para analisar as culturas presentes nos quilombos, utilizando-se de alguns aspectos como a religião e a alimentação, e as comparou com as práticas das comunidades africanas. O quilombo, então, seria resultado de uma resposta “contra-aculturativa” dos negros escravos.<sup>15</sup>

Ainda na década de 30, e na virada para a década de 40, pode-se destacar o trabalho de Arthur Ramos, que dava continuidade à Escola de Nina Rodrigues. Em “*As Culturas Negras no Novo Mundo*” (1937), Ramos se preocupa em propor uma abordagem diferente para o tema “negro”, ou seja, procura observar as particularidades de cada povo africano que veio para o Brasil. Além disso, o antropólogo mostra que o negro não pode ser visto como um elemento “pitoresco”, como por algum tempo foi visto pelos “contadores de história”, que viveram nos períodos colonial e imperial.<sup>16</sup>

Ramos, então, tenta desconstruir essa idéia, mostrando que o negro não pode ser entendido como um elemento da “moda”, mas sim, como um assunto permanente, pois ele faz parte do “material da casa”. Assim, o pesquisador observa as várias formas das culturas negras que vieram para o Novo Mundo, evidenciando as singularidades de cada uma.<sup>17</sup>

Na conclusão de seu trabalho, Ramos propõem pensar que ocorreram três resultados de aculturação, sendo estes: a aceitação, a adaptação e a reação. No primeiro caso, o autor acredita que alguns povos que vieram para o Novo Mundo aceitaram a cultura local, com perda ou esquecimento da cultura antiga. O segundo, a adaptação, é entendida como uma combinação harmônica entre as duas culturas, ou seja, a original e a estrangeira. E no terceiro e último caso, o de reação, é quando surgem os movimentos “contra-aculturativos”. Para Ramos, o processo de reação acontece quando os povos africanos não aceitam os traços culturais estrangeiros.<sup>18</sup>

É através do conceito de reação que se terá, segundo Ramos, a formação dos quilombos. Isso significa que seria o resultado do processo “contra-aculturativo”. Na análise de Flávio Gomes, Arthur Ramos observa que as comunidades de fugitivos e seus arranjos sócio-econômicos tinham como propósito manter os “Estados Africanos”, sendo assim, uma reação contra opressão sofrida pelo regime escravista.<sup>19</sup>

Em 1943, temos a publicação de uma coleção de

<sup>6</sup>PEREIRA, João Baptista Borges. O Último Legado de Clóvis Moura. In: *Instituto de Estudos Avançados da USP*, v. 18, n. 50. São Paulo: USP, 2004. p. 1. Disponível na Internet via : [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100027&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100027&lng=en&nrm=iso). Acesso em 16/01/09.

<sup>7</sup>ANDRADE, Manuel Correia de. Clóvis Moura e a questão racial no Brasil. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003. p. 118.

<sup>8</sup>Segundo o professor de Direito da Universidade Federal do Ceará Hugo de Brito Machado, o título de “notório saber” tem sido uma prática muito utilizada pelas universidades do país para qualificar a pessoa que não fez curso de especialização, como doutorado, mas possui conhecimentos “equivalentes”. É, portanto, um título de reconhecimento à pessoa que produziu fora do ensino formal. Cf. MACHADO, Hugo de Brito. *Notório Saber*. Disponível na Internet via: [http://bdjur.stj.gov.br/jspui/bitstream/2011/947/1/Not%C3%B3rio\\_Saber.pdf](http://bdjur.stj.gov.br/jspui/bitstream/2011/947/1/Not%C3%B3rio_Saber.pdf). Acesso em: 20/01/09.

<sup>9</sup>RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

<sup>10</sup>Dentre os estudiosos que consideram Nina Rodrigues como pioneiro no estudo das questões negras, os mais importantes são o antropólogo Arthur Ramos e o historiador Flávio Gomes.

<sup>11</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas negras no Novo Mundo*. 3ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1979. p. XX.

<sup>12</sup>RAMOS, Arthur. *Aculturação Negra no Brasil: uma escola brasileira*. *Revista do Arquivo Nacional*. São Paulo, v. 83, 1942. p. 129-158.

<sup>13</sup>GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>14</sup>Cf. PITTA, Rocha. *História da América Portuguesa*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1952.

<sup>15</sup>FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. *Palmares, Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 35.

<sup>16</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas negras no Novo Mundo*. 3ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1979. p. XXI.

<sup>17</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas negras no Novo Mundo*. 3ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1979. p. XXII.

<sup>18</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas negras no Novo Mundo*, p. 245.

<sup>19</sup>GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11.

Arthur Ramos, que é uma continuação de sua pesquisa, porém, com dados novos sobre o negro. A coleção é composta de quatro volumes. No primeiro, “As Culturas Não Européias”, analisa o índio e o negro de uma forma sistematizada, tendo como foco principal a observação linguística e cultural de quatro grupos indígenas: Tupi-Guarani, Ge, Aruak e Caribe. O segundo volume é intitulado de “As Culturas Negras”, e examina as culturas africanas, com o objetivo de compará-las com as culturas sobreviventes no Brasil, como o grupo Nagô, Gegê, Mina, Malê e Bantu.<sup>20</sup> O terceiro e quarto volumes são estudos sobre “Culturas Européias e o Contato de Raças e Culturas”, que visa observar os problemas gerais da imigração e colonização, como também as características culturais dos povos encontrados no Brasil.<sup>21</sup>

A tese de doutorado do norte-americano Donald Pierson foi defendida em 1939, mas só foi publicada no Brasil em 1943, com o título de “*Branços e Pretos na Bahia*”. É um trabalho muito importante para a época, pois seu objetivo consistia em reconsiderar a exata identificação da “situação racial” no Brasil. Isso porque, segundo o pesquisador, os vários estudos que surgiram em torno dessa discussão traziam elementos contraditórios, que se devem principalmente à falta de pesquisas empíricas de qualidade e ao exagero nas abordagens de caráter geral, não levando em conta a heterogeneidade e ocasionando, assim, um “quadro” distorcido do problema.<sup>22</sup>

Pode parecer um tanto pretensiosa a palavra “reconsiderar”, mas logo vemos que a intenção de Pierson é apenas desconstruir alguns estereótipos em relação ao negro. Essa “reconsideração” só foi possível graças à identificação de problemas de generalização e de pouca pesquisa, que foram cometidos por alguns estudiosos.<sup>23</sup>

Embora as revoltas escravas não sejam seu foco principal, Pierson não deixa de mencioná-las. Para o autor, os quilombos eram uma forma de proteção mútua entre os escravos. Um outro ponto que destacamos na interpretação do autor é o fato de trazer um olhar diferente em relação ao negro, ou seja, o autor sugere pensar que nem todos viram os escravos como um elemento social oprimido e triste com sua condição.<sup>24</sup>

Tal observação pode ser conferida nos relatos de viajantes utilizados pelo autor, que mostram, por exemplo, que nem todos os escravos eram humilhados, ou, pelo menos, não transmitiam essa imagem. No caso do relato do inglês Hastings Charles Dent, o visitante diz que nunca encontrou outro tratamento que não fosse de muita bondade do senhor para com seu escravo. Para o outro viajante, chamado de Gilbert Farqwhor Mathison, a aparência “animada” e as “condições físicas” do escravo mostravam que eram muito bem tratados.<sup>25</sup> A proposta, sem dúvida, gerou muita

polêmica, mas para Jeferson Afonso Bacelar, doutor em Ciências Sociais, o trabalho de Pierson rompeu com os padrões vigentes no universo intelectual, na medida em que estudava de uma forma mais concreta uma dada realidade social, enfocando as relações entre brancos e pretos no interior de uma sociedade regional.<sup>26</sup>

No final da década de 40, mais precisamente no ano de 1947, foi publicado o livro “*O Quilombo dos Palmares*”, um grande avanço na historiografia acerca da resistência escrava, isso porque o livro analisou o Quilombo dos Palmares através de vários ângulos: econômico, militar e cultural. Edison Carneiro, autor da obra, embora formado em Direito, teve grande interesse em estudar temas afro-brasileiros e, trouxe uma interpretação bem interessante para se pensar a reação do negro ao escravismo. Segundo o autor, essa reação do negro na América Portuguesa teve três aspectos importantes que são: a revolta organizada; a insurreição armada e a fuga para o mato.<sup>27</sup>

Para Carneiro, o quilombo era uma reação “negativa de fuga e de defesa”, ou seja, negativa no sentido de insatisfação ao rigor e à violência em que eram submetidos dentro das senzalas. E, particularmente no caso de Palmares, foi uma reação tão forte que a comunidade conseguiu sobreviver por quase um século sem ser destruída pelas várias expedições militares enviadas pelo governo. Para evidenciar a estrutura bem organizada de Palmares, Carneiro também faz uso, assim como Nina Rodrigues, do trabalho de Rocha Pitta, que compara o quilombo a uma espécie de “República Rústica”.<sup>28</sup>

De acordo com o próprio Edison Carneiro, o seu objetivo com o livro é trazer novamente à vida o “Estado negro” e, ao mesmo tempo, eliminar as fantasias e espantar o silêncio sobre o tema.<sup>29</sup> Para Flávio Gomes, Edison Carneiro foi o primeiro a estudar a organização política, econômica, militar, cultural e social do Quilombo dos Palmares.<sup>30</sup>

É preciso destacar ainda o trabalho do norte-americano Stuart B. Schwartz, “*Escravos, Roiceiros e Rebeldes*” (2001), que apontou que antes da década de 50, o estudo sobre o negro se voltava mais para a cultura escrava, como foi o caso dos trabalhos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos e que não houve interesse por parte dos historiadores após 1950 em dar continuidade a Escola de Nina Rodrigues. Já a partir da década de 60, os trabalhos se voltaram para estudos comparativos da escravidão, aumentando assim, o interesse no aprofundamento do tema.<sup>31</sup> Segundo Schwartz, o objetivo, por exemplo, dos sociólogos paulistas, era entender como repercutiu o escravismo no desenvolvimento da economia brasileira.<sup>32</sup>

Segundo João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, em “*Liberdade por um Fio*” (1996), no final dos anos 50, os estudos sobre revolta e rebeldia

<sup>20</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas Negras*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1943.

<sup>21</sup>RAMOS, Arthur. *As Culturas Negras*, p.35.

<sup>22</sup>PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 29.

<sup>23</sup>Os estereótipos que Donald Pierson pretende desconstruir estão ligados aos cinco problemas destacados logo na introdução de sua pesquisa. São eles: 1) às características heterogêneas dum país imenso; 2) à natureza sutil da “situação racial” no Brasil; 3) o papel desempenhado no processo de comunicação pelos significados de palavras; 4) ao restrito volume de pesquisas de qualidade empírica produzida em relação a este problema; e 5) às variações nos objetivos, abordagens e métodos dos escritores da especialidade, alguns dos quais, por terem indevidamente exagerado certos aspectos da situação total, ofereceram um “quadro” inconscientemente distorcido. Segundo o pesquisador, estes problemas impediram uma exata compreensão da situação racial no Brasil. Cf. PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*, p. 29.

<sup>24</sup>PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*, p. 127 e 157.

<sup>25</sup>PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*, p. 157.

<sup>26</sup>BACELAR, Jeferson Afonso. *A Hierarquia das Raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 90.

<sup>27</sup>CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966. p. 03.

<sup>28</sup>CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares*, p. 3-4.

<sup>29</sup>CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares*, p. 14.

<sup>30</sup>GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 11-12.

<sup>31</sup>SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, Roiceiros e Rebeldes*. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 26 e 42.

<sup>32</sup>SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, Roiceiros e Rebeldes*, p. 26.

tornam-se objeto da historiografia. O livro “Rebeliões da Senzala” (1959) de Clóvis Moura marca esse período, trazendo uma visão marxista em relação aos quilombos.<sup>33</sup> Mas, além de Moura, outros pesquisadores posteriormente, como Luis Luna, José Alípio Goulart e Décio Freitas irão trabalhar com a temática da resistência.<sup>34</sup>

Para Reis e Gomes, esses pesquisadores tentam desconstruir a idéia defendida na década de 30 por Gilberto Freyre, de que as relações escravistas seriam harmoniosas<sup>35</sup>. O livro *Rebeliões da Senzala* - segundo Reis e Gomes - trouxe um rico material empírico com vasta pesquisa em arquivos.

Na mesma época, vários trabalhos eram produzidos na Universidade de São Paulo – a renomada “Escola Paulista” - mas deixavam a questão da resistência escrava em segundo plano. Dentre estes autores, destacam-se Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes e Octavio Ianni, que representavam a elite intelectual nesse momento<sup>36</sup>.

Stuart B. Schwartz concorda com João José Reis e Flávio Gomes, e também apontou que a década de 60 é marcada pelos estudos de jovens sociólogos de São Paulo, que seguiam a linha marxista, tendo uma visão materialista da sociedade. Segundo Schwartz, esses estudiosos paulistas elegeram como objeto de estudo as conseqüências econômicas e sociais da escravidão, diferenciando assim da análise de Clóvis Moura, que embora também siga uma linha marxista, se preocupa fundamentalmente com a reação dos negros ao sistema escravista.<sup>37</sup>

Moura foi considerado por Flávio Gomes como o pioneiro em uma análise mais sociológica sobre as comunidades de fugitivos e suas relações com a sociedade, ou seja, para Gomes, Moura buscou estudar as comunidades quilombolas para entender a sociedade escravista.<sup>38</sup>

O trabalho de Clóvis Moura não traz esta idéia de isolamento ou de “marginalização”. O escravo, em sua interpretação, não é visto como uma figura calada e submissa, que aceitava passivamente as imposições do sistema escravista. Na análise de Moura, o escravo lutava contra as condições a que estava submetido e participava ativamente das relações sociais.

Em depoimento, Clóvis Moura afirmou que o seu objetivo com o livro *Rebeliões da Senzala* foi demonstrar a atuação dos “agentes sociais oprimidos”, que mesmo não tendo conseguido vencer em muitas de suas revoltas, foram figuras importantes no processo de mudanças na história do Brasil escravista.<sup>39</sup>

Essa preocupação com a recuperação da memória e da obra de Clóvis Moura é recente. Depois de cruzar as informações da discussão bibliográfica com os dados da trajetória de Clóvis Moura, foi possível observar uma relativa margina-

lidade de sua obra, desde o momento da publicação do livro *Rebeliões da Senzala*, em 1959, até pelo menos no final da década de 70, quando, segundo Schwartz, o país passa por um período de conscientização sobre assuntos relacionados à desigualdade racial, com crescente interesse pela escravidão, o que faz com que os trabalhos sobre a resistência escrava sejam revistos.<sup>40</sup>

<sup>33</sup>MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Edições Zumbi LTDA, 1959.

<sup>34</sup>Cf: LUNA, Luis. *O Negro na Luta Contra a Escravidão*. Rio de Janeiro: Leitura, 1968. FREITAS, Décio. *Palmares, a guerra dos escravos*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. GOULART, José Alípio. *Da Fuga ao Suicídio*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

<sup>35</sup>Cf: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Schimidt, 1936.

<sup>36</sup>REIS, João José. GOMES, Flavio dos Santos. *Liberdade por um Fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 12-13.

<sup>37</sup>SCHWARTZ, Stuart B.. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. Trad. Jussara Simões. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 25-26.

<sup>38</sup>GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 13

<sup>39</sup>Depoimento de Moura apud ALMEIDA, Luiz Sávio de (org). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003. p. 12.

<sup>40</sup>SCHWARTZ, Stuart B.. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*, p. 39.